

B0017034
C12416

LINGUA VERNACULA

N. 24

3

ORTHOGRAPHIA

ESTUDO RACIOCINADO SEGUNDO OS PRINCIPIOS
MODERNOS DA SCIENCIA

POR

JOSE VENTURA BOSCOLI

D. R.
1691
B. X. 128



RIO DE JANEIRO
IMPRESA NACIONAL

1885

2838 - 85

2

AO ILLM. E EXM. SNR. SENADOR MANOEL FRAN-
CISCO CORREIA.

A' V. Ex.^a— o mais esforçado luctador no nobre
intuito de rasgar novos horisontes á instrucção nacional,
offereço este meu despretencioso escripto, como testemu-
nho da alta admiração e do sincero affecto que consagro
á V. Ex.

JOSE V. BOSCOLI.

Abril de 1885.

MINISTERIO DA JUSTIÇA E NEGOCIOS INTERIORES	
DEPARTAMENTO DE IMPRENSA NACIONAL	
BIBLIOTECA	
NUMERO	DATA
244	4-9-50

Aos Exms. Srs.:

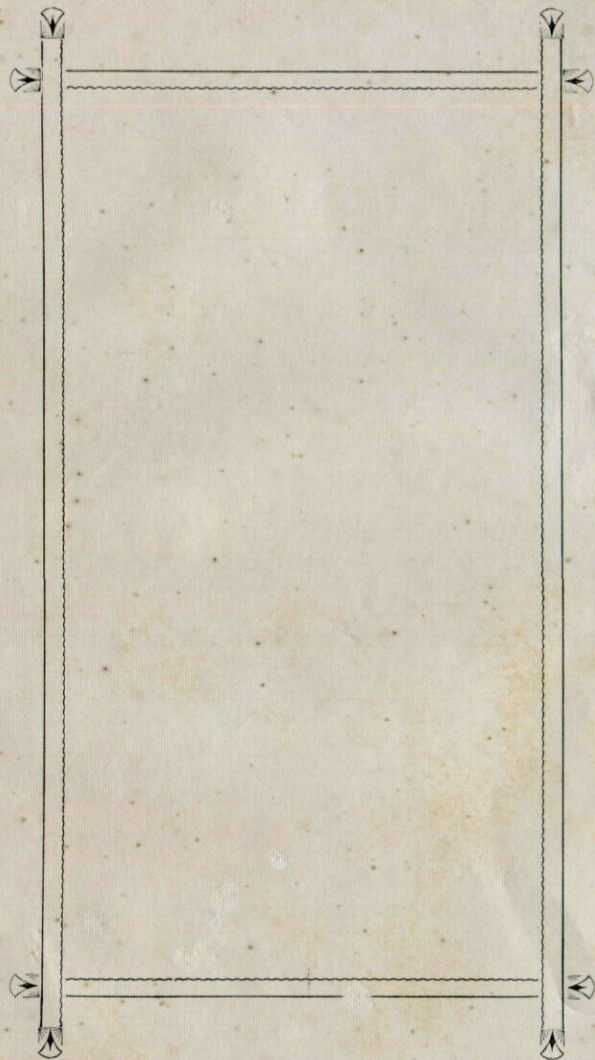
Barão de Paranapiacaba, Pacheco Junior, Carlos de Laet, Julio Ribeiro, Jose Ferreira de Souza Araujo, Th. das Neves Leão, J. Z. Rangel de São Paio, Castro Lopes, Jose Maria V. da Silva, Freire da Silva, Fausto Barreto, A. M. Limoeiro, Capistrano de Abreu, Macedo Soares.

*Serão considerados falsos os exemplares
que não estiverem numerados e assignados
pelo autor.*

N.º

31

Jonathan Boncobi.



PREFACIO

Mais um compendio de orthographia !

Já preouço esta exclamação, que ha de irromper dos labios dos nossos professores de portuguez, logo que o meu escripto for tirado á luz da publicidade.

Era meu intento escrever uma *grammatica elementar* para uso dos meus alumnos ; a falta de meios pecuniarios d'elle me divertiu, limitando-me simplesmente á «*orthographia* », por ser uma das partes principaes da disciplina grammatical aos que começam o estudo da lingua vernacula.

Compulsei as melhores grammaticas, entre as quaes avultam as de J. Ribeiro, Freire da Silva, Leite, Bento de Oliveira, Grivet, e as várias producções philologicas de Pacheco Junior ; nellas respiguei, e, encasando citações ao texto quando era perfeita a affinidade de con-

ceitos, adduzi muitas observações que são muito minhas, — filhas do estudo e da prática do ensino.

Escrevi sem vislumbre de jactancia, e só movido do desejo de tambem concorrer para o progresso da instrução nacional. Creio havel-o conseguido — pelo menos no methodo do trabalho e na clareza da exposição.

Segui o methodo historico.

Pela pratica de escrever dictados ou de copiar os classicos — que neste ponto não são guias seguros —, e pelo uso do dictionario, o estudante aprende a orthographia apenas mechanicamente.

Seguindo o methodo racional, adoptei a orthographia usual ou mixta : — phonetica, quando se trata de palavras de fundo popular, da primeira camada philologica (*labio* = *labrum*, *olho* = *oc(u) lum*, *bispe* = *episcopus*, etc.), e bem assim das de origem sanskrita, arabe, etc., nas quaes é força representemos pelos caracteres romanos sons que a nossa phonetica não possue (*bh*, *dj*, *kh*, etc.); — etymologica, nas palavras de fundo erudito, vasadas directa e artificialmente nos moldes dos varios elementos historicos da nossa lingua (*philosophia*, *arena*, *episcopado*, *telegrapho*, etc.).

Este systema é sempre o que mais se torna geral, desde que as linguas alcançam o periodo completo da

sua disciplina grammatical, em que o sabio vae fixando as fórmas, ao passo que o povo emprega instinctivamente a analogia, essa inexaurivel fonte de riqueza.

A crítica, necessariamente, descobrirá neste meu trabalho faltas e manchas. Não imploro perdão para ellas, broquelando-me na desculpa de ser a primeira vez que me exercito em escriptos deste genero ; peço, sim, Snrs. professores me remetam as suas corrigendas, que serão por mim recebidas com agrado e reconhecimento.

9 de Abril de 1885.

JOSE V. BOSCOLI.

INDICE

	PAGS.
Preliminares	1
Das letras simples (vogaes).	14
» » » (alterantes)	17
Dos diphthongos puros.	36
» » nasalados	42
Das letras compostas (vogaes).	44
» » » (alterantes)	48
Dos grupos de alterantes.	60
Emprego das letras maiusculas.	66
Divisão dos vocabulos	69
Pontuação	73
Abreviaturas	84

PRELIMINARES

I

1. *Orthographia* é o codice das regras para acertadamente escrevermos as palavras.
2. São tres os systemas orthographicos : o *phonetico* ou *sonico*, o *etymologico* e o *mixto* ou *usual*.
3. Dos dous primeiros, muitos se têm feito pregoeiros, e até chegaram a embair pro-selytos ; mas encontraram o chão maninho para medrar.

O *sonico* deve ser de todo regeitado, porque, não só não teriamos nunca juizes competentes para decidir o pleito (e grande é a variedade no fallar — quer em Portugal, quer no Brasil), sinão tambem porque com

este systema cresceria o numero de homographos, o que seria um mal. ¹

Em cada angulo de Portugal são grandes as desviações prosodicas, e o mesmo succede no Brasil entre as varias provincias.

A pronuncia da Beira do Alemtejo, Lisboa, S. Miguel e Extremadura, etc., muito differem entre si, e tambem é mui outra a pronunciação dos nortistas, se a compararmos com a nossa e ainda com o portuguez fallado em Africa (o reinol).

A etymologia estreme tambem apresenta inconvenientes, pelo menos o do ridiculo; e a prova está em que os que mais a prezam não a seguem perfeitamente. Escrevem *charta* e *charidade*, *figado* e *cavallo*.

O unico systema racional é o *mixto*. Toda a sciencia tem linhas divisorias; assim como succede à Botanica na classificaçào das especies, do mesmo modo que a Geologia nos apresenta varias camadas terrestres, assim tambem o philologo na lingua que

¹ Vide Barboza de Leão — *Orth. no sentido sonico*; Pacheco Junior — *Revista Brasileira e Imprensa Industrial*; L. Coelho — *Sobre a introdução ao Dicionario*.

estuda descobre duas classes de palavras, especies ou camadas muito distinctas: a popular ou natural e a erudita, de criação artificial.

4. Aquellas, que os nossos avós aprenderam de ouvido e transmittiram ao papel conforme lhes foram por esse orgão infiltradas, devem conservar as suas vestes populares; estas, porém, devem conservar as fórmulas do molde em que foram vasadas. Só a aristocracia tem o direito de trazer estampadas nas carruagens as suas armas, lembrando aos transeuntes a sua origem fidalga, fazendo-lhes logo ver a que vergonhea pertence, qual o ramo esnocado da arvore genealogica dos seus antepassados.
5. O mesmo succede na prosodia, e não ha quem, com criterio, nos venha propôr egual reforma. As palavras de fundo popular conservaram e mui naturalmentê a tonica latina; as de criação erudita não attenderam a accentuação grega ou latina, e só seguiram na pronuncia as regras da analogia ou da harmonia. Os que, levados pelo amor à *prosodia fidalga*, teimam em pronunciar *pólipo*, *órgia*, etc., em re-

speito aos pergaminhos nobiliarios, continuam todavia a fazer tonica a ultima syllaba de *academia*, e a escrever *rainha* e *redondo* em vez das antigas fôrmas — *reinha* e *rodondo* —, e, certo, se recusariam articular etymologicamente o vocabulo *decagono*.

Se a homonymia é considerada um mal, para que dar-lhe mais esse jus de crescer?

6. Teimam os partidarios da orthographia *phonetica*, em que mais facil será o estudo ás pobres crianças sacrificadas aos methodos hodiernos de leitura. O proprio Sr. João de Deus exclama condoido da sorte de seus discipulos, e para comprovar o seu asserto avesso á orthographia *etymologica* — que nenhum menino será capaz de ler só por si a syllaba *phão*, ainda quando mãe carinhosa lhe diga reiteradas vezes os elementos componentes — *p-h-a-o* til —. O argumento não produz.

7. A orthographia franceza não é mais facil que a nossa, mormente se attendermos ás imprescindiveis regras de accentuação; a ingleza é muitissimo mais difficultosa que

a portugueza, por causa dos varios sons das vogaes e das muitas letras mudas — verdadeiros empachos; e, todavia, onde está a instrucção nacional mais adiantada do que em França, Belgica, Suissa e America do Norte?

8. Agora perguntaremos tambem ao Sr. João de Deus — qual o menino, por mais intelligente que seja, que, sem ter aprendido, nos responda á pergunta seguinte: — *como faz...* como se pronuncia *éfe*, ou mesmo *fê-a-o-til*? O menino que nos respondesse — *fão* — seria um verdadeiro prodigio!

9. Não ha difficultade no ensinar-se a escrever etymologicamente. Basta, por exemplo, que o professor escreva o signal *ph* a par da letra *f*, e diga ao menino que ambos tem som identico; depois explicar-lhe-ha que as palavras que começam por *phono*, *photo*, *philo*, etc., escrevem-se com *ph*, porque são de origem grega, e, pela mesma razão, as que terminam em *grapho*, *phia*, etc.. E não se diga mais, com alguns eruditos portuguezes e brasileiros, que para isto seria mister que o menino aprendesse grego; o homem analphabeto e

ignorante diz *academia, necroterio, orgia, telegramma, telephone*, etc., e, não obstante, nem pelo cerebro lhe passou a idéa de que houvesse lingua grega.

10. A vacillação no escrever até fim do sec. XVII, e ainda meados do XVIII, nada prova, comquanto no mesmo escriptor encontremos varios modos de graphar. ⁴ E' sabido que os escriptores dessas epochas tinham mais ou menos singular modo de escrever, e que muitas vezes em uma mesma página encontramos o mesmo vocabulo escripto differentemente. Exemplos disto ainda nos apresenta o proprio Camões.

11. Hoje a orthographia já está muitissimo mais regularizada, mas convem que um tribunal competente decida e estatúa o verdadeiro modo de escrever todos os vocabulos, para que desapareçam de todo as muitas divergencias que ainda se notam.

No declinar do anno de 1877, tentou-se em Portugal, da reforma orthographica; a maioria da commissão pendeu para a

⁴ Vide Pacheco Junior — *Phonologia da lingua portugueza. Idem Prosodia.*

phonetica. « As questões foram mal tratadas, as objecções não respondidas » e o problema ficou ainda sem solução.

II

12. A *orthographia*, pois, tem por fim representar graphicamente os sons articulados, isto é, as varias modificações das vozes humanas, conforme o maior ou menor esforço das cordas vocaes, mais são pronunciadas com o auxilio dos labios ou da lingua, mais cerrando os dentes ou fazendo entrar em jogo as fossas nasaes.

13. Para exprimir esses sons, inventaram-se certos signaes particulares a que deram o nome de *letras*. As *letras* são elementos componentes da syllaba e consequentemente da palavra: se a palavra é o signal que nos representa a idéa, a *letra* é o signal convencionalado que nos representa um som.

14. *Letras* ou *caracteres*, pouco importa. A' reunião das *letras* necessarias a cada lingua para a representação dos seus elementos phonicos, deram os grammaticos

o nome de *alphabeto*, que tira origem nas duas primeiras *letras* do *alphabeto* grego.¹

15. As *letras* dividem-se em *vogaes* e *alterantes* ou *consoantes*. As primeiras representam as vozes mais simples, rudimentares, livres e espontaneas; as segundas, modificações dos varios elementos phonicos produzidos pelos varios órgãos do apparelho vocal. As *vogaes* são — *a, e, i, o, u, y*; as *alterantes* — *b, c, d, f, g, h, j, k, l, m, n, p, q, r, s, t, v, x, z*.

16. As *letras* dividem-se ainda em *simples* e *compostas*. Aquellas são representadas por um signal unitario, por um unico signal (*a, b, c, d, etc.*); estas, por mais de um elemento graphico. Por outras palavras: — dá-se a denominação de *lettra com-*

¹ « Os caracteres alphabeticos ou *letras* formam quatro collecções ou *alphabetos*: o CALLIGRAPHO, o ITALICO, o ROMANO, o GOTHICO.

Usa-se do *alphabeto* CALLIGRAPHO nos manuscriptos. Os trabalhos impressos podem sel-o em qualquer typ.

Cada especie, porém, tem uso especial: com os CALLIGRAPHOS e GOTHICOS estampam-se obras de phantasia (cartões de visita, circulares, etc.); os ITALICOS têm frequente applicação quando queremos chamar a attenção do leitor para qualquer ponto do discurso; nos ROMANOS imprime-se geralmente o texto dos livros. » (Freire da Silva).

posta á reunião de duas ou mais *letras* para representar um som unico, como, por exemplo, *phth* na palavra *phthisica*, em que a *syllaba* inicial sôa *ti*, e por conseguinte as quatro *letras phth* têm o som de *t*.

17. Não se deve, porém, confundir esta especie de *letras* com os *grupos*, cujo numero é muito crescido e onde cada elemento conserva mais ou menos o som originario *pl, pr, pt*, etc. (*plano, praça, apto*, etc.).

18. As *letras duplas*, hoje chrismadadas por alguns philologos em *geminadas*, devem ser arroladas entre as compostas, « pois já não mais soam distinctas como ainda acontece no italiano. »

19. As *letras simples* são: *a, b, c, d, e, f, g, h, i, j, k, l, m, n, o, p, q, r, s, t, u, v, x, y, z*.

20. São *compostas*: *am, an, ã, ah, bd, bh, ç, çç, ch, cq, ct, dh, em, en, gd, gh, gu, ha, he, hi, ho, hu, hy, im, in, mn, oh, om, on, pç, ph, phth, rh, rrrh, sc, th, um, un, ym, yn*, e neste numero, como ficou dito, devem entrar as

21. *Letras alterantes geminadas*, que são: *bb, cc, dd, ff, gg, ll, mm, nn, pp, rr*,

ss, tt, zz. As gemações de *l* e *n* abrandam-se nas *molhadas* lh e nh. Esta denominação — *molhadas* foi dada pelos modernos, por motivo da origem historica dessas letras. ¹ Só se pôde dar a gemação quando a etymologia o requer, pois, que na pronuncia as duas alterantes reduzem-se a um unico som ; é claro, pois, que ellas só se geminam, entre vogaes, ou entre vogal e *l*, *r* (*syllaba*, *aggressão*, etc.).

22. Em caso algum pôde uma letra geminada ser inicial ou final no nosso idioma, posto que nas primeiras epochas da lingua fosse uso dobrar as liquidas *l*, *r*: esta, no principio e meio dos vocabulos (sec. XIII a XV), aquella, tambem no fim (*receber*, *honrra*, *Llourenço*, *anell*, etc.).

Nos vocabulos — *enjôo*, *môo*, *vôo*, etc., o ultimo *o* não é simplesmente um signal etymologico, pois, não ha negar, sôa na pronuncia differentemente do primeiro. isto é, tem o som de *u* (*enjôo* — *u*, *môo* — *u*, *vôo* — *u*, etc.).

¹ Pacheco Junior. *A proposito de algumas theses aventuradas pelo Sr. Theophilo Braga.*

Nos casos em que os antigos duplicavam a vogal para indicar-lhes o alongamento ou tonacidade das syllabas, emprega-se hoje a vogal *u*, ou o accentto agudo (sôo = sou, soo = sô, etc.).

23. Os *grupos*, os principaes, são : *bt*, *cz*, *gm*, *gn*, *lh*, *nh*, *ps*, *pt*.

24. Quanto ao *w*, somos de parecer contrario ao Sr. J. Ribeiro. ¹ Em portuguez é o *w* letra simples, quer sôe como *u* quer como *v*.

25. A *syllaba* representa um som articulado, o som expresso por uma só emissão da voz (*al-vo-ra-da*, *ad-mit-tir*, *di-phthon-go*, etc.). E' claro, pois, que ella nunca poderá ser representada por uma *alterante simples ou composta* sem auxilio de *vogal*.

26. Diphthongo, como nos está indicando a origem do vocabulo, é a combinação de dous sons formando uma unica *syllaba* (*ae*, *ai*, *ão*, *au*, etc.). Dividem-se em *pu-ros* e *nasalados*.

¹ Gram. Port..

27. São *diphthongos* puros:

<i>ae</i>	<i>pae, valsaes, &.</i>
<i>ai</i>	<i>aiveca, dais, &.</i>
<i>au</i>	<i>grau, pau, &.</i>
<i>ea</i>	<i>gemea, lactea, &.</i>
<i>ei</i>	<i>grei, amei, &.</i>
<i>eo éo</i>	<i>niveo, céo, &.</i>
<i>eu</i>	<i>eunucho, meu, &.</i>
<i>ia</i>	<i>duzia, paródia, &.</i>
<i>ie</i>	<i>effigie, especie, &.</i>
<i>io</i>	<i>armario, collegio, &.</i>
<i>iu</i>	<i>dirigiu, ungiu, &.</i>
<i>oe</i>	<i>doe, destróe, heroe, &.</i>
<i>oi</i>	<i>foi, oito, &.</i>
<i>oy</i>	<i>Eloy, Godoy, &.</i>
<i>ou</i>	<i>amou, sou, vou, &.</i>
<i>ua</i>	<i>agua, exigua, &.</i>
<i>ue</i>	<i>inquerito, &.</i>
<i>ui</i>	<i>fluido, uivo, &.</i>
<i>uy</i>	<i>Ruy, &.</i>
<i>uo</i>	<i>ambiguo, arduo, &.</i>

28. Os *nasalados* são :

<i>ãe</i>	<i>mãe, &.</i>
<i>ão</i>	<i>mão, &.</i>

<i>am</i>	<i>bençãem, &.</i>
<i>õe</i>	<i>compõe, &.</i>
<i>õem</i>	<i>compõem, &.</i>

A syllaba *ui* constitue *diphthongo nasalado* nos vocabulos *mui, muito*, nos quaes o som do *n* tanto persiste quanto o do *i* palatal nas molhadas.

29. As *vogaes* tendo mais de um som, adaptaram os escriptores para indicar a differença, e bem assim a contracção e suppressão das mesmas — os accentos grave (`), agudo (´), circumflexo (^), til (~) e suppressor (¨).

30. O accento grave cahiu em completo desuso, e os dous — agudo e circumflexo — mais se empregam nas syllabas finaes para indicar a verdadeira pronuncia (mana, maná, povôa, Povoá, etc.).

31. O emprego do til, signal privativo do portuguez, para exprimir a suppressão de uma nasal, ¹ data de ha dous seculos, em que tambem começou o emprego do sup-

¹ O til colloca-se sobre a prepositiva, isto é, sobre a primeira voz componente de um diphthongo (irmão, pão, &); é erro escrever-se irmão, pão, &, com o til na subjunctiva.

pressor para indicar omissão de uma vogal [*romã (roman), minh'alma (minha alma), etc.*].¹

DAS LETTRAS SIMPLES

Vogaes

a

32. Tem tres sons — natural, agudo e fechado. Só é, em regra, accentuado o agudo final para evitar equívocos, principalmente por motivo da homonymia (*Pará, etc.*).

Em geral dá-se-lhe dous sons apenas, e desta opinião é o Sr. J. Ribeiro; mas se bem lhe estudarmos as varias modificações phonicas, descobriremos tres sons distinctos (*dado, devida, duvida*) e até em um só vocabulo (*parallêla, etc.*).

¹ « O apostrophe indica suppressão de vogal como se vê em *esp'rança, por esperança*; e ás vezes só de alterante e de alterante e vogal, como — *co'este, por com este, co'andar, por com o andar.* » (Freire da Silva).

e

33. Tambem tem tres sons. Só se lhe indica o som graficamente quando a vogal termina a palavra (*café, mercê, etc.*) Em *pégada*, que ainda hoje é para muitos cavallo de batalha, o accentto não é tonico, mas simplesmente empregado para indicar o tom agudo do *e*.

i

34. Esta lettra só tem um meio de ser emittida; e, como as demais vogaes, tanto pôde ser inicial e média, como final (*ignobil, ensino, aqui, etc.*).

o

35. Tem tres sons — natural ou agudo, circumflexo e, no fim dos vocabulos, o equivalente ao do *u* (*oleo, avô, dedo, etc.*). Só quando final é que se costuma accentual-o (*enxó, avô, avô, etc.*).

u

36. Esta voz é sempre natural, e só pôde receber accento agudo quando final (*bahú, crú, Lubú, etc.*), posto que desnecessario, pois não ha confundil-as.

A's vezes representa-se este som por um *w*, nas palavras de origem ingleza (*whist, etc.*).

y

37. Tem um som unico. Não carecíamos desta letra, cuja introdução é de origem erudita e de que mais fizeram uso os nossos maiores erradamente (*mãy, dey, mayo, etc.*).

Os vocabulos em que do *y* nos servimos são derivados do grego directa ou indirectamente, do inglez, e ainda serve para indicar a voz *hy* (=agua) do nosso elemento indigena (o abanhaenga): *hydrographia, synonymia, typo, etc.*; *dandy, jockey, yatch, etc.*; *Andarahy, Ica-rahhy, etc.*

38. De novo advertimos que é excusado em portuguez accentuar as vozes na maioria dos casos, quer para indicar-lhes o som, quer para mostrar a tonica. Devemos accentuar as vogaes desde que, por ter a palavra homographo, pôde-se dar dúvida ou induzir o leitor a engano, ainda quando a contextura da phrase lhe dê o sentido perfeito.

39. Nos vocabulos homographos, accentua-se o oxytono [*até* (prep.), e *ate* (verbo), etc.]; se ambos forem paroxytonos, accentua-se o que exigir mais forte accentuação [*séde* (assento), e *sede* (substantivo e imp. do v. ser), etc.].

Alterantes

b

40. O emprego desta letra não nos offerece difficuldade, que não a confundirmos com a *v*, como acontece aos da Beira e do Minho.

O Sr. Bento de Oliveira, porém, dá á pagina 130 da sua grammatica uma regra que nos obriga a um ligeiro reparo.

Diz elle que se emprega « *b* nos substantivos abstractos derivados dos adjectivos terminados em *vel*, e em todos os superlativos dos mesmos adjectivos (*amabilidade, amabilissimo*). »

Em 1º lugar, esse substantivo não se deriva do adjectivo; foi-nos importado directamente do latim (*amabilitatem*), e o mesmo podemos affirmar com relação a outros muitos (*provavel, estavel... probabilidade, estabilidade, etc.*); em 2º, as fôrmas archaicas desses adjectivos eram — mais etymologicamente — *amabil, estabil, probabil, etc.*

As fôrmas, pois, do superlativo eram regulares, e bem assim *atrocissimo, felicissimo, etc.*, de *atroce, felice, etc.*; foram os adjectivos que se modificaram na pronuncia, e mais tarde na escripta. Esta alterante *b*, como todas as outras, excepto *l, m, n, r, s, x, z*, não pôde ser final, sinão em nomes proprios e de origem estrangeira (*Belzebub, etc.*).

C

41. O *c* duro não tem difficuldade, que mui raros são os vocabulos escriptos com a sua homophona *k*. Cedilhado, para representar o som brando antes de *a, o, u*, nunca é inicial (e nestes casos a voz é representada por *sa, so, su*); mas, a maioria das terminações em que entra esse som, escreve-se com *ç* e não com *s* (*esperança, bonança, oração, viração, etc.*); exceptuam-se *aprehensão, comprehensão, extensão, etc.* O *c* duro é por alguns escriptores representado pela letra composta *ch* em vocabulos de origem grega (*character, charidade, etc.*); mais adeantê trataremos deste ponto, que nos parece não deve abrir brecha á discussão. O emprego acertado de *ça, ço, çu, ce, ci*, depende de estudo para se não cahir em engano com as fôrmas em *s*.

d

42. Pôde ser inicial, médio, e final — só em nomes proprios ou de elemento historico recente (*dar, dedo, David, Madrid, tal-mud, etc.*).

f

- 43.** Esta letra quando final só nos recorda nas palavras de origem-se ingleza *turf*, introduzida recentemente no *sport*, e *puff*. Emprega-se nos vocabulos simples (*flor*, *afan*, etc.), e nos seus derivados (*floreo*, *florido*, *afanoso*, etc.); e ainda nos compostos com os prefixos *de*, *pre*, *pro*, *re* (*defender*, *deferir*, *defeito*, *defunto*, *preferir*, *prefeito*, *prefixo*, *presulgente*, *preferir*, *professar*, *proficuo*, *profligado*, *profundar*, *profusão*, *refeição*, *refeitorio*, *referir*, *refinação*, *reflexo*, *refogar*, *re-formar*, *refutar*, etc.).

g

- 44.** Emprega-se antes de *e*, *i*, excepto em *jejuar*, *jejum*, *jenipapo*, *jeropiga*, *jesuita*, etc., e em certos nomes proprios (*Jehovah*, *Jeronymo*, *Jerusalem*, *Jesus*, etc.).

Tambem emprega-se no meio, nos vocabulos *algemar*, *eleger*, etc., com excepção de alguns de derivação latina (*objecto*,

adjectivo, *majestade* (*magestade*), *objecto*, etc.); no final, em alguns vocabulos de origem ingleza (*bul-dog*, *grog*, etc.).

Para que o *g* conserve antes de *e*, *i*, o mesmo som forte que tem antes de *a*, *o*, *u*, intercala-se um *u*, que neste caso é simples signal orthographico e só serve para mostrar que a guttural é explosiva (= *gh*), e não chiante ou constricta (= *j*) — *guerra*, *guia*, *guindaste*, etc.. Em alguns vocabulos, porém, o *u* conserva o som proprio (*ambiguidade*, *antiguidade*, *languidez*, *unguento*, etc.).

h

- 45.** Não o temos aspirado, mas com elle escrevemos as interjeições (*ah*, *ho*, *oh*, *hi*). Emprega-se tambem entre duas vogaes para indicar que ellas não formam diphthongo (*atahude alahude*, etc.), o que outros escriptores fazem por meio do accento agudo (*ataíde*, *alavíde*, etc.). Este meio nos parece mais para ser adoptado, comquanto, na opinião de Garrett, se deve

para esse fim empregar a diereze (*ataüde*, *alaüde*, etc.).¹

Hoje ninguém escreve mais — *hum*, *he*, etc., modos de graphar que só serviram para revelar ignorancia philologica desses tempos idos. E é claro porque — *um* = lat. *unus*, é = *est*, etc..

Foi o pedantismo classico que nos trouxe este modo de graphar, bem como *ho* (ant.), e outras fórmãs já de todo cahidas em desuso.²

46. Venhamos agora a um passo que muito nos merece attenção.

O muito illustrado Snr. Dr. Lucindo dos Passos Junior,³ e outros que fôra longo enumerar, entre os quaes o distincto philologo J. Ribeiro, arguem de ignorantes aos que escrevem — *amar-te-hei*, *amar-te-hia*, etc., porque, como conclue o mesmo Snr. Dr. depois de longo e erudito arrazoado —, *amar-te-hei*, é o mesmo que

¹ A diereze entre nós já está admittida, mas nas palavras de origem germanica, para conservarmos o som proprio da vogal (Müller, etc).

² Vide Pacheco Junior.

³ *Gazeta de Noticias* 1877.

amarei-te, *amar-te-hia*, o mesmo que *amaria-te*; a desinencia verbal nada tem que ver com o verbo auxiliar *haver*; e aquellas fórmãs (que elles escrevem sem *h*) explicam-se pela figura *tmese*.

Discordamos de todos esses distinctos grammaticos, e sentimos que elles luctem sem boa logica para apagar da nossa grammatica historica a prova mais evidente da formação do futuro e condicional nas linguas novo-latinas.

No latim classico a fórmula do futuro era *amabo*, a par de *habeo amare*, que se encontra em muitos escriptores, ao passo que na lingua popular, castrense, vicejava apenas esta ultima fórmula, mas invertida — *amare habeo*, do que abundam exemplos. A fórmula popular bracejou vergontees, e é a verdadeira origem do futuro organico de todas as linguas romanas: portuguez — *dir-hei*, hespanhol — *dir-hè*, italiano — *dirhò*, francez — *dir-ai*, etc..

Com o correr dos tempos (como succedeu a todas as desinencias verbaes) o *hei* perdeu a vida propria, soldou-se à fórmula thematica verbal (*direi*, *dirè*, *dirò*, *dirai*,

etc.). « Só no portuguez e no provençal conservou ella a sua independencia », e a prova está em que nessas linguas « podem-se separar os elementos — *amar-vos-hei*, *amar-vos-ai*. »

A criação do condicional, muito mais tardia, fez-se pela analogia. « Até então o modo era representado pelo imp. do subj., e com essa criação muito lucraram as linguas no tocante á clareza. »

Uma razão que apresentam aquelles grammaticos, e em que esteam os seus argumentos, está na contracção das fórmulas nominaes dos verbos em certos casos (*far-te-hei*, *dir-te-hei*).

Este facto deu-se com todos os verbos da 2ª conjugação em *zer* (*fazer*, *dizer*, *trazer*, ¹ *contrafazer*, etc.), que se atrophiaram antes de accrescentar-se a desinencia (*far-te-hei*, *dir-te-hei*, *trar-te-hei*, etc.).

O facto, porém, nada tem de extraordinario, tanto mais que o mesmo aconteceu com o futuro organico desses verbos (*far-*

¹ *Trar-vos-hei*.

ei, *dir-ei*, *trar-ei*, etc.), só *jazer* conservou a fórmula inalterada.

Se o *h* não é vestigio do verbo *haver*, se é mera expletiva, como explicam esses e demais grammaticos a formação do futuro, essa desinencia *ei*, *ia*, do futuro e condicional? O que vem a ser o *d* dos preteritos no inglez, o *bo* dos futuros latinos, o *bam* dos imperfeitos? Não tiveram essas desinencias tambem vida propria antes de se fundirem ás fórmulas thematicas verbaes, tornando-se um simples signal unitario?

Continuamos a escrever *amar-te-hei*, *amar-te-hia*, emquanto razões mais fortes não chegarem a convencer-nos de que estamos no erro; e, respeitando a opinião do Sr. Dr. Lucindo Junior, não podemos porém deixar de parte a razão historica, para abraçarmos um parecer que não passa de uma simples hypothese, só porque parece explicar o facto facilmente por uma *tmese*. Nem ha, para nós, necessidade de muitas figuras para ser explicado o historico do futuro das linguas neo-latinas, como julga S. S.^a. O facto deu-se com todos os tempos e modos.

O professor Diez também declara que a terminação *ei* = *hei* (*v. haver*), e vê nas fôrmas em que o pronome vem intercalado, uma prova historica incontestavel.

j

47. Escreve-se antes de *a*, *o*, *u* (*jarro*, *jorro*, *junco*, etc.), e antes de *e* na terminação da 1ª pessoa do singular do preterito perfeito do indicativo e nas de todas as do presente do subjunctivo dos verbos em *jar* (*viajar* — *viajei*, *viaje*, *viajes*, *viaje*, etc.), e *jejuar*, *jejum*, *jenipapo*, *jesuita*, *Jehovah*, *Jeronymo*, *Jerusalem*, *Jesus*, etc.; *jeroglyphico* e *jerarchia*, já alguns mais se encostando à etymologia escrevem *hierarchia*, *hieroglyphico*.

Escrevem-se também com *j* os derivados do verbo latino *jacio* (*adjectivo*, *conjectura*, etc.. Vide n. 44).

k

48. Escreve-se em *beefsteack*, *kabyla*, *kaleidoscopo*, *kali*, *kanguru*, *kermes*, *hermes*.

se, *kiosque*, *kirsch*, *kleptomania*, *knut*, *kymrico*, *kirie*,¹ *kistos*, *mazurka*, *piknik*, *polka*, etc..

Não somos accordes com o Snr. J. Ribeiro em que se deve escrever *parokia*, nem *khilo*, etc.. Posto que nos venha este vocabulo do grego, foi-nos importado de França. E, se é erro condemnavel não se escrever *khilo*, porque emprega S. S^a., para significar um kilogramma, a fôrma abreviadamente estulta *kilo*, que não exprime o peso? E' que o uso fez admittir a fôrma popular, e — *la* — e *ca* — um kilo = um kilogramma. Pois bem — se acceitamos sem escrupulo no fallar — necedades estrangeiras ou da nossa camada popular, porque tanto escrupulo em acceitar uma fôrma orthographica, creada e importada pela França ou Allemanha, ainda que vá tirar origem no grego ou sanscrito? O escrever-se hoje — *khilo* seria a nosso ver provocar inutilmente a chasqueada.

E aqui de novo advertimos — que somos muito pela etymologia.

¹ E temos *quirios*.

l

49. Póde ser inicial (*livro, lâ*, etc.), médio nos vocabulos que começam por *a, e, o* (*alongar, alugar, elastico, elucidar, oleado, oleo*, etc.), e final (*carnaval, carretel, barril, anzol, paul*, etc.).

Exceptuam-se — *ella, elle, ellipse, elléboro*. Hoje já não se escreve *ollaria, olla, olleiro*, etc., e sim *olaria, ola, oleiro*, etc..

m

50. Póde ser inicial, médio, e tambem final (*mesa, amor, jardim*, etc.). Antes de *b, m, p*, manda a regra se escreva *m* (*ambiente, immemorial*, ¹ *imperial*), etc.. Antes de *n* tambem se emprega (*alumno, calumnia, damno, hymno*, etc.).

Succede ás vezes o *m* assimilar-se na pronuncia á alterante seguinte. Nos vocabulos compostos com a preposição latina

¹ Aqui é claro, a final *n* do prefixo *in* mudou-se para *m* (*immenso*).

circum, porém, elle nunca se assimila, posto que, não raro, em bons autores e dictionarios se encontre o *m* transformado em *n* (*circunfluyente, circuncidar, circungirar*, etc.), isto é, sempre que o segundo vocabulo começa por letra que não seja *b, m, p*. Somos, porém, de parecer que se deve escrever a palavra prefixa sempre com *m* (*circumjacente, circumloquio, circumscripto, circumspecção, circumstancia*, etc.).

n

51. Escreve-se tanto no principio, no meio, como no fim dos vocabulos (*nariz, mana, joven*, etc.).

Mui poucas, porém, são as palavras, além de *joven*, que terminam por *n* (*canon, certamen, dolman, dolmen, iman*, etc.), e alguns nomes proprios (*Oberon, Helicon, Palemon*, etc.).

p

52. Nada de interesse se nos offerece dizer sobre esta alterante, cujo som não mais se confunde com o da sua homorganica *b*.

q

33. Emprega-se esta letra sempre seguida de *u*, quer esta vogal represente o som proprio (*quadro* etc.), quer não sôe na pronuncia (*que, quigila, querer*, etc.).

r

34. Tem dous sons—um brando, quando acha-se entre vogaes (*maré, querido*, etc.); forte, quando precede *l, m, n, s* (*palração, Nemrod, honra, Israel*, etc.), ou nos vocabulos compostos com os prefixos *de, pre, pro* (*deriscar, derogar, prerogativa, prorogação, proromper*, etc.). Com o prefixo *a* vae prevalecendo o uso de *rr* (*arraigalgar*, etc.), e o mesmo acontece com o *de* (*derribar, derriscar, derrogar* etc.).

s

35. Pôde ser inicial, médio e final, ainda mesmo sem ser como característico de plural.

No começo não ha difficuldade no emprego, porque vocabulo algum principia por *ç* (*ça, ço, çu*): em todos os mais casos a derivação latina é que nos guia [*cego (caecus), seculo (seculum), cirio (cirium), sigillo (sigillum)*, etc., *caso (accusar)*, etc.]; e com *s* escrevemos as desinencias *oso, osura* (*formoso, formosa, formosura*, etc.), e as de muitas fôrmas verbaes (*amas, entendes, applaudes, amardás, entenderás, applaudirds*, etc.). Finalmente, diz o Snr. Grivet: « Esta alterante, que tem a sua sonoridade propria no principio e no fim das palavras (*simples*), e bem assim quando interposta entre uma alterante e uma vogal (*cysne*), a troca pela sonoridade do *z* entre duas vogaes (*uso*), a não ser que aqui venha dobrada (*missa*). Todavia, mesmo entre duas vogaes a letra *s* reassume a sua articulação natural, quando se acha na intersecção de uma palavra composta, mediante um dos seguintes augmentos: — *pre, pro, re, sobre* (*presuppor, proseguir, resalva, sobresaahir*, etc.), ou de alguns mais que o uso dá a conhecer (*gyrasol, monosyllabo, polysillabo*, etc.). »

t

36. Só é final em palavras de origem germanica (*yacht, whist, sport, knut, etc.*).

v

37. Em muitos casos, principalmente nos nomes locais, esta alterante é representada por um *w*, pelo respeito à etymologia (*Wurtemberg, redowa, landwehr, etc.*).

Todavia, nos que já esqueceram a procedencia pelo longo tirocinio usa-se o *v* (*valsa, vagão, visigodo, etc.*), e na onomastica também já se faz sentir a revolução, escrevendo alguns — *Veimar, Vurtemberg, Vestphalia, etc.*

x

38. No escrever apresenta às vezes esta alterante difficuldade, isto é, quando sôa = *ch* brando, porque o *x* tem — além deste, mais dous sons — o de *s* e o de *cs* (*xadrez,*



exame, anexo), modificações phonicas que se explicam perfeitamente. ¹

Depois de *en* escreve-se *x* [*enxada* (e *enchada*), *enxerto, enxuto, enxurrada, enxugar, etc.*], e seus derivados, exceptuam-se, porém, *encher, enchamel, e aquelles verbos formados de substantivo que começam por ch* (*encharcar, enchoçar, enchouricar, etc.*).

Quanto ao *x* com o som de *s*, o estudo não é difficil, porque poucos são os vocabulos em que a *ch*iante assim se pronuncia, e é equivalente a *cs* latino — *exame* (ant. *lia-se ecsame*), *exacto, exacerbar, exaggerar, exalçar, exito, exigir, etc.* —

Em *anexo, amplexo, complexo, nexo, etc.*, o som do *x* ensina logo o modo de represental-o, pois, não poderíamos fazel-o com o grupo *cs*.

Escreve-se ainda o *x*: em geral, depois de diphthongo (*caixa, faixa, feixe, frouxo, peixe, etc.*); nas palavras de origem oriental, para representar *ch* (*ch*iante) — *xale* (*chales*), *xarque, xaque, almoxarife, en-*

¹ Vide Pacheco Junior. — *Phonologia*.
ORT. 3

xaqueca, xaguão, xarão, baxã, baxi, paxã, etc.; desta origem exceptuam-se *escabeche, chibata, chorinada* e alguns mais.

Alguns escrevem *xa = chá* (arbusto da India). Deve-se escrever *chá*, verdadeira representação da voz indiana *tcha*, e por isso assim o grapharam os portuguezes, que differencavam o som das suas duas letras *ch* e *x*, tendo a primeira o som de *tch*, como em inglez (Charles).

Z

39. E' inicial em poucos casos (*zagal, zelo, zizania*, etc.); quando média, usa-se:

1º, depois de *a* inicial (*azeite, azeitona, azul*, etc.), exceptuam-se apenas — *Asia, asylo, asinha*, e seus derivados;

2º, nos suffixos *aza, eza* (*raza, fortaleza*, etc.);

3º, nos derivados de vocabulos latinos — pela mudança do *c*, depois de passar por formas intermediarias (*dicere = dicer, dixer, diger, dizer; facere = faxere, fagere, fazer*, etc.);

4º, nas desinencias correspondentes à *tionem* latino, que em muitos mais casos hoje se representa por *s* (*razão = rationem*).

O Sr. J. Ribeiro deriva tambem o *z* de um *d* latino, e está no certo — que essa dental soava *dz* entre os Romanos, mas dá para exemplo — *preza* —, no que discordamos.

O vocabulo latino *preda* deu-nos *préa*, que só mais tarde converteu-se em *preza*, e tambem se escreve *presa*.

5º, nas desinencias dos verbos da primeira conjugação em *zar*, se no thema não entrar *s*, da 2ª em *zer* (vide 3ª nota do n.º 59), e da 3ª em *zir* (*autorizar, trazer, traduzir*, etc.).

O *z* é final em todas as terminações em que se ouvir o som sibilante, menos em *tras, tres, nós* (pr. pessoal): — *capaz, jacaz, rapaz, dez, mez, vez, matriz, nariz, verniz, arroz, noz, voz, alcatruz, luz, obuz*, etc..

DOS DIPHTHONGOS

Diphthongos puros

ae

60. Usa-se deste diphthongo no plural dos nomes terminados em *al*, porque antigamente era regular (*corales*, etc.). Deu-se a quèda fatal do *l* (alterante média), o que nos explica a irregularidade da fôrma do plural e a razão por que a orthographia manda escrever *es* em vez de *is*.

O vocabulo *pae* tambem deve ser escripto com *ae*, bem como as segundas pessoas do plural do presente do imperativo dos verbos da primeira conjugação (*dae*, *estudae*, *fallae*, etc.), comquanto ainda alguns escriptores empreguem o diphthongo *ai* (*pai*, *dai*, *estudai*, *fallai*, etc.), e nos antigos se encontram a miudos escriptos, com *ay* (*pay*, *day*, *estuday*, etc..)

ai

61. E' usado em todos os demais casos (*aipo*, *aivéca*, *archaica*, *caipora*, *amais*, *dias*,

estudais, etc.), fôrmas estas que se fixaram com o livro de João de Barros e já eram as preferidas desde meados do seculo XV; ¹ ainda muitos, porém, escrevem estas fôrmas verbaes com o diphthongo *ae* (*amaes*, *daes*, *estudaes*, *fallaes*, etc.).

au

62. Tanto pôde ser inicial e médio, como desinencial (*auto*, *cauto*, *pauta*, *pau*, etc.).

Com grande impropriedade, como bem diz o V. de A. Garrett, escrevem alguns com *ao* os vocabulos *mau*, *grau*, etc., (de *malus gradus*, etc.): as vogaes *a*, *o* não produzem o som daquelles vocabulos.

Moraes, o nosso dicionarista e grammatico, tambem escreve *gráo*, *máo*, etc..

ea

63. Nunca é inicial este diphthongo (*gemea*, *niveamente*, *redoa*, *vergontea*, etc.).

¹ Até ao declinar do seculo XIV — *amades*, *queredes*; no Can. Geral.

ei

64. Póde ser inicial, médio e desinencial (*eira, beira, lei (ant. ley), feira, inteiro, viveiro*, etc.), e emprega-se ainda nas primeiras pessoas do singular da fôrma organica do preterito *amei, louvei*, etc., e do futuro *amarei, entenderei, applaudirei, porei*, etc..

eo (éo)

65. Escreve-se no corpo e na terminação dos vocabulos (*gemo, lacteo, neologismo, cêo, escarcêo*, etc.).

eu

66. E' usado como inicial, médio e desinencial (*eubiologica, eunucho, pharmaceutico, meu, teu*, etc.).

ia

67. E' médio e desinencial (*nimiamente, philaucia, urgencia*, etc.).

ie

68. Este diphthongo é sempre desinencial (*especie, serie, superficie*, etc.).

io

69. Escreve-se no corpo e na desinencia (*heliotropio, Antonio, collegio, criterio, vario*, etc.).

iu

70. Sempre desinencial, e emprega-se na 3ª pessoa do singular da fôrma organica do preterito (*applaudiu, dividiu*, etc.).

oe

71. Este diphthongo, que só póde ser desinencial (*condoe, destroe, heroe*, etc.), escreve-se no plural dos vocabulos em *ol* (*anzoes, lençoes, roes*, etc.. Vide n. 60)..

oi

- 72.** Tanto pôde ser inicial e médio, como desinencial (*oito, biscoito, foi, etc.*. Vide n. 74).

oy

- 73.** Escreve-se no corpo e na desinencia de alguns nomes proprios e em vocabulos da lingua tupy (*Loyola, Eloy, Godoy Nite-roy,*¹ etc.).

ou

- 74.** E' inicial e médio (*ouro, agouro, couro, etc.*); emprega-se ainda na 3^a pessoa do singular da fôrma organica do preterito (*amou, louvou, etc.*).

Não obstante serem algumas das fôrmas archaicas mais encostadas às latinas (*coiro, etc.*), aconselhamos escreva-se com *ou*.

¹ Vide n. 130, sobre o modo de orthographar-se este vocabulo.

ua

- 75.** E' médio e desinencial (*exiguamente, agua, mágua, contigua, etc.*, que alguns escrevem *agoa, magoa, etc.*). Preferimos sempre a fôrma *ua*, mais etymologica e que mais propriamente representa o verdadeiro som (lat. *aqua, macula, etc.*).

Moraes escreve *agua* e *magoa*. Escrevendo o vocabulo simples — *agua* com *u*, tambem temos a vantagem de conservar a analogia com os seus derivados (*aguadeiro, aquatico, etc.*); preferindo a fôrma *magua*, com *u*, evitamos, outrosim, a homographia (verbo magoar — 3^a pessoa do singular do presente do indicativo).

ue

- 76.** E' médio e desinencial (*lingueta, inquerito, influe, etc.*).

ui

- 77.** E' tambem médio e desinencial (*fluido, fui, etc.*).

uy

- 78.** Emprega-se hoje na terminação de alguns nomes próprios (*Ruy*, etc.).

uo

- 79.** E' empregado só na terminação dos vocabulos (*ambiguo*, *arduo*, *contiguo*, etc.).

Diphthongos nasalados

ãe

- 80.** Só encontravel no vocabulo *mãe* e no plural dos nomes em *ão*, derivados dos latinos em *anês* (*pães*, etc.).

ão

- 81.** E' sempre final, e emprega-se quando a syllaba é predominante (*coração irmão*, etc.); no plural dos nomes em *ão*, originados dos latinos em *anus* (*christãos*, etc.); na 3^a pessoa do plural do futuro dos verbos *amarão*, *entenderão*, *dividirão*, *porão*, etc., para differencal-os das do preterito perfeito do indicativo.

am

- 82.** Emprega-se na terminação das 3^{as} pessoas do plural do presente e preteritos do indicativo condicional (*amam*, *amaram*, *amariam*, etc.).

õe

- 83.** Escreve-se na 3^a pessoa do singular do presente do indicativo dos verbos em *or* (*dispõe*, *repõe*, etc.), e no plural dos nomes terminados em *ão*, originados em *ones* (*corações*, etc.).¹

õem

- 84.** E' empregado nas 3^{as} pessoas do plural do presente do indicativo dos verbos em *or* (*compõem*, *dispõem*, *repõem*, etc.).
- 85.** Ainda temos o diphthongo *ui*, que tambem é nasalado nos vocabulos *mui*, *muito*, etc.. (Vide n.º 27).

¹ *Formão*, *botão*, etc., não são de origem latina, mas seguem a regra.

DAS LETTRAS COMPOSTAS

Vogaes

am

86. Emprega-se no principio e no meio dos vocabulos quando se lhes segue *b*, *m* ou *p* (*ambiente*, *gramma*, *Pamphiro*, etc.— vide n.ºs 50 e 82), e nos vocabulos eruditos de origem grega (*amnesia*, *amnistia*, *annicola*, *annios*, *amniomancia*, etc.).

an, ã

87. *An* pôde ser inicial, média ou final (*anniversario*, *antigo*, *canto*, *iman*, etc.). E' muito raro o emprego de *an* desinencial, porque nos vocabulos oxytonos (e quasi todos elles o são) usa-se da fôrma graphi *a* *ã* (*irmã*, *galã*, *louçã*, etc.).

ah

88. Só a encontramos na interjeição — *ah*, e no fim de alguns nomes de origem oriental (*Jehovah*, *Allah*, *xah*, etc.).

em

89. E' inicial, média e final.

No 1º caso e no 2º, porém, por motivo da regra já citada (vide n.ºs 50, 82 e 86), é claro que se lhe deve seguir alguma das labiaes — *b*, *m*, *p* (*emblema*, etc.), a menos que o vocabulo não seja composto e traga ainda claros os signaes da sutura (*bem*, *decem*, *sem*, etc., *bemdizer*, *decemviro*, *semsaborão*, etc.).

en

90. Emprega-se nos demais casos (*enfeite*, *entrar*, *pente*, etc.), e só é final em *dolmen*, *especimen*, *joven*, *hymen*, *hyphen*, *lichen*, *pollen*, e outros varios vocabulos importados directamente de fonte erudita.

im

91. Segue a regra n.º 89.

in

- 92.** Só pôde ser inicial e média (*intimar, inteiro, tinta, pinta, etc.*).

oh

- 93.** Só a encontramos na interjeição *oh*.

om

- 94.** Emprega-se no principio, no meio e no fim dos vocabulos (segundo a regra n.º 89): *ombrinos, ombu, romper, semitom*, e nos compostos de *com* (*contigo, consigo, comnosco, comquanto, comtudo, etc.*).

on

- 95.** É inicial, média e desinencial (*onda, ronda, canon, colon, etc.*).

um

- 96.** Também inicial, média e desinencial, segue a regra n.º 89; e escreve-se ainda nos compostos de *circum, duum, trium* (*circumflexo, circumstancias, duumviro, triumviro, etc.*).

un

- 97.** Emprega-se como inicial e média (*unguento, untar, mundo, mundano, etc.*).

ym

- 98.** Só a encontramos como média em vocabulos que se originam do grego, e também seguindo-se-lhe *b-m-p* (*tympano, etc.*).

yn

- 99.** Emprega-se também no meio dos vocabulos de origem grega (*syntaxe, etc.*).

Alterantes

bb

100. E' empregada em alguns vocabulos, quasi todos de origem hebraica (*abbade, rabbi, sabbado, subbari*, etc., e seus derivados).

bd

101. Escreve-se em *subdito* e seus derivados.

bh

102. Emprega-se no verbos *abhorrecer*, e *abhorrir* e seus compostos (orthographia já pouco acceita), e bem assim em alguns de origem hindu (*abhul, abhyudaya, bhavam*, etc.).

ç

103. Usa-se antes de *a, o, u*, mas nunca é inicial. Representa as mais das vezes — *ti-latino*.

A maioria das terminações escreve-se com *ç* e não com *s* (*esperança, bonança, oração, variação*, etc.); *apprehensão, comprehensão, extensão*, etc., são excepções.

çç

104. E' claro que nunca pôde ser inicial; entra na composição da desinencia — lat. *ctionem* (*facção, direcção, affecção*, etc.).

Na pronuncia já em muitos casos não sôa o *c* duro, que tambem vae desapparecendo na escripta (*lição, affeição*, etc.), mas cumpre conservar.

cc

105. Escreve-se em muitos vocabulos, em cuja maioria o primeiro *c* é apenas amostra de assimilação (*acclamar, acclimar, accrescentar, ecclesiastico, occupar*, etc.).

ch

106. Representa dous sons : — o da chiante (=x), outro duro (=k). O primeiro é uma transformação de *pl, cl, c, fl*, latinas, e dantes soava *tch*, como ainda o pronunciam os da Beira (*chamma, chapéo, chuva*, etc.); o segundo é uma representação graphica do *kh* grego (*archetypo, anachronismo*, etc.).

O nosso modo de representar o som grego é uma herança que recebemos do latim, e nem nos parece « dislate etymologico que só serve para dificultar o tirocinio da lingua, »¹ pois temos, além do *c* brando, tambem o *c* forte = *qu, k*, accrescendo que muitos desses vocabulos nos foram importados directamente do latim.

Depois de acceito e geralmente seguido um modo de orthographar, baseado ou não na boa logica — e neste caso o é —, mas não ha fugir á tyrannia da moda e o uso

¹ J. Ribeiro — Gramm. Portugueza.

faz lei — parece-nos não se deve apresentar reformas sem proveito algum e que serviria apenas para « dificultar o tirocinio da lingua ».

Já adoptaram portuguezes e brasileiros as fórmas — *carta, character, caridade*, etc.; porque vir agora reformal-os sem vantagem alguma, preferindo as fórmas *charta, character, charidade, karta, karacter, karidade, kharidade*, etc.?¹

Nos vocabulos de origem indiana, porém, adoptámos o signal graphico *kh* (*khadiva*, etc.).

cq

107. Emprega-se em *acquisição, acquerir, acquiescencia, acquiescer*, etc., posto se possa escrever mais etymologicamente *adquirição, adquirir*, etc..

ct

108. Escreve-se principalmente nos vocabulos de origem latina, mas de criação eru-

¹ Então escrevamos Kikero por Cicero, etc..

dita (*acto, activo, abstracto, afflicto, facto, etc.*).

Nas palavras de origem popular o *c* não é representado graphicamente, porque já não soava na pronuncia dos romanos (*santo, dito, etc.*).

dd

- 109.** Emprega-se em *addição, adicionar, addido, adduzir, reddicto, etc.*.

dh

- 110.** E' usado em *adhesão, adhortar, dhalia, etc.*, nos seus derivados, e bem assim na transcripção de alguns vocabulos de origem sanskrita (*dhuli, etc.*).

ff

- 111.** Emprega-se nos vocabulos de derivação latina, nos quaes a ultima letra do prefixo assimilou-se à primeira da palavra (*suffragio, offender, etc.*).

Segue-se pois esta letra ao *a, di, e, o, su* inicial, destroços dos prefixos latinos *ab, dis, etc.*, (*affecto, efficiente, efficas, differir, offerta, etc.*).

gd

- 112.** Escreve-se em *Magdala, Magdalena, etc.*.

gg

- 113.** Escreve-se nos vocabulos de origem latina, que começam por *a* e *su*, e só apresentam modificação na desinencia (*aggravar, aggressão, suggestão, etc.*).

gh

- 114.** E' usado nos vocabulos de origem arabe (*Gharb, Ghez, etc.*).

gu

- 115.** Fôrma adoptada para escrever-se o *g* antes de *e, i*, conservando-lhe o som forte (*guerra, guitarra, etc.*. Vide n. 44).

ha, he, hi, ho, hu, hy

116. Só conservamos o *h* antes das vogaes, levados pelo amor à etymologia, quer nos venha o vocabulo do latim ou do grego (*haver, hora, humilde, hydrogeneo, hyperbole*, etc.), quer ainda de outro elemento historico da nossa lingua (*harem, hegira, hysopo*, etc.).

ll

117. Escreve-se nos vocabulos que têm por syllaba inicial *al, col, il*, destroços dos prefixos latinos *ad, con, in* (*allusão, colligir, illegal*, etc.), naquelles tambem cuja primeira syllaba for *mel, mil* (*mellifluo, mellificar, millesimo*, etc.), e bem assim depois de *bel, cel, del, gil, gril, nel, pel, pil, tel, til, vel, zel*, seguindo-se uma vogal (*bella, barbella, cella, cancella*, etc.).

Muitissimas são as excepções a esta regra: só um bom dictionario — como observa o illustrado Snr. J. Ribeiro — pôde ser guia seguro para todos os casos.

mm

118. E' usado em muitos vocabulos de origem latina e grega (*gemma, grammã*, etc.), e ainda nos que têm por syllaba inicial *com, em, im* (*commandar, emmandeirar, immenso*, etc.), cujas excepções são muitas.

mn

119. Escreve-se em alguns vocabulos vindós da lingua latina, afim de serem conservadas as lettras do seu radical (*alumno, calumnia, damno, condemnar, hymno, somno*, etc.).

nn

120. E' usado nos vocabulos que têm por syllaba inicial *an, en, in* (*annunciar, ennobrecer, innocentar*, etc.).

pe

121. Escreve-se na desinencia de vocabulos derivados de outros da lingua latina terminados em *ptionem* [assumpção (de *assumptionem*), exempção (de *exemptionem*), etc.].

ph

122. Emprega-se o *ph* (= *phi* do grego) em vocabulos dessa origem, isto é, os que comecam por *philo*, *phos*, *photos*, *physi*, *phren*, *phono*, ou na terminação em *grapho* e *phia* (*philosophia*, *phosphoro*, *physica*, *geographo*, *phonographo*, etc.).

phth

123. Escreve-se em vocabulos de origem grega (*diphthongo*, *phthisica*, etc.).

pp

124. E' empregado nos vocabulos que têm por syllaba inicial *ap*, *op*, *sup*, destroços de

ad, *ob*, *sub* (*approvar*, *opprimir*, *supprimir*, etc.), e em mais outros de derivação grega (*Hippolyto*, *hyppodromo*, etc.).

rh

125. Escreve-se nos vocabulos de origem grega (*Rhodano*, *rhuibarbo*, *rhythmo*, etc.).

rr

126. Emprega-se no meio de vocabulos, mas sempre entre vogaes (*barra*, *terra*, etc., vide n. 54).

rrh

127. Como a antecedente, é empregada entre vogaes, mas sómente nos vocabulos de origem grega (*catarrho*, *pyrrhonismo*, etc.).

SC

- 128.** E' empregada em vocabulos de origem latina, em que figura essa modificação *sc*, que é inicial e média (*sciencia, scisma, descripção*, etc.).

SS

- 129.** Escreve-se entre vogaes (*esse, nosso, vosso*, etc.), no imperfeito do modo subjunctivo de todos os verbos (*lowasse, entendesse, applaudisse, puzesse*, etc.), nos substantivos verbaes (*confessor, professor*, etc.), e bem assim nos superlativos (*fraquissimo, pessimo, fortissimo, riquissimo*, etc.).

th

- 130.** Correspondente ao Θ grego, emprega-se nas palavras de origem grega (*atheni, theologia, Theodoro, Theophilo*, etc.).
« Havia antigamente abuso no emprego desta lettra, diz J. A. dos Passos, escre-

vendo-se com ella palavras em que, nem a etymologia nem a pronuncia, a exigem, como — *theor, cathogoria, author, authoridade*; e ainda hoje se vê esse abuso no nome proprio *Nitheroy*, que assim é geralmente escripto, como se na lingua indigena brasileira houvesse aquelle character grego.

Convem corrigir a orthographia desta palavra, assim como se tem corrigido a de outras.

Não se pôde dizer que o *th* fosse alli introduzido para indicar a aspiração que naquella lingua sem escriptura tinha o som consoante *t* de tal vocabulo, pois, não é crível que só neste houvesse a aspiração, quando todos os mais se escrevem com *t* simples. »

tt

- 131.** Usa-se nos derivados de compostos de vocabulos latinos cuja syllaba inicial seja *at* (*attender, attenção*, etc.), « nos derivados dos vocabulos latinos littera,

mittere » e nos que destes se derivem (*lettra, metter, etc.*); usa-se ainda em *setta, atticismo, etc.*, vocabulos de derivação latina.

ZZ

- 132.** Só é representada em alguns nomes proprios de origem arabica (*Azzarat, etc.*).

DOS GRUPOS DE CONSOANTES

- 133.** Arrolaremos aqui os principaes grupos, mesmo para não tornar demasiado extenso este livro.

bt

- 134.** Escreve-se em *subtil* e seus derivados.

CZ

- 135.** Emprega-se em *Czar*.

gm

- 136.** Usa-se nos vocabulos de transcripção grega ou latina (*dogma, paradigma, etc.*). Em *augmento, augmentar, etc.*, o *g* não sôa; esta propriedade só a têm os primeiros vocabulos, por serem de criação erudita.

Talvez se riam alguns grammaticos desta minha observação, mas basta citar-lhes um exemplo — *magno*, que se permanecesse na linguagem popular positiva soaria *manho*, como aconteceu com *agno* que nos deu *anho*?

Tambem nos verbos de curso popular em que entra o elemento *gn*, é muda a guttural — *assignar, signal, etc.* —, ao passo que a fazemos soar em *significar, maligno, etc.*. E o povo pronuncia — *sinhificar, malino, etc.*.

gn

- 137.** E' usado em *assignar, maligno, signal, significar, etc.*, e seus compostos, e outros vocabulos em que a pronuncia manifesta o *g* (*Vide n. 136*).

lh

138. Transcreveremos algumas linhas que se lêem á pag. 106 da importante gramm. historica do philologo Pacheco Junior. « A nossa consoante dupla *lh* só foi representada graphicamente depois do seculo XV. Nos primeiros monumentos da lingua não apparece o elemento consoantico para represental-a (*moyer, meor*); mais tarde — XIV e XV sec. — representaram-na como no hespanhol e provençal antigo — por *ll* ou *l*, ainda quando se lhe não seguia o *i* palatal (*fillo, filo, muller, mellor, melor, migala, molo*, etc.). ⁴

O *l* latino tinha tres sons — lingual, dental e palatal; o ultimo soava quasi como a nossa molhada, e em *batalha, filho, lhe, lhano*, etc., ainda se percebe um som rapido do *i*.

Este *h* inorganico servia apenas — como se vê dos documentos do sec. XIV —

⁴ Em S. Paulo o povo não pronuncia a molhada (*teyado, moiado*, etc.), como tambem acontece ao Parisiense (*bataion biyard*), valachio, provençal (*cavayer* por *cavalher*, etc.).

para substituir o *i* palatal, ou alongar a vogal (*sabha, cambhar*, etc.), processo que tambem era usado no ombriano e no provençal (*Deh = dei, plah = plai*).

Era um meio de que se aproveitaram para representar a verdadeira pronuncia das palavras sem desviação da regra da persistencia da tonica latina.

Em nosso parecer, esta molhada — exclusiva das linguas néo-latinas — não se deriva do celtico, como geralmente imaginam, tanto mais que não encontramos essa letra dupla nas linguas germanicas.

O facto de terem os Bretões este som não basta para decidirmos a favor da origem celtica, porque a mesma evolução podia ter-se operado independentemente em diferentes logares. O basco tambem possui este som, mas que não é peculiar a todos os seus dialetos, e, todavia, mais nos inclinariamos a aceitar a hypothese da derivação iberica ».

Em *lh*, pois, o *h* representa signal etymologico, cumprindo advertir que em alguns vocabulos elle não se molha com o *l* na pronuncia, como, por exemplo —

philharmonica, gentilhome, em que o 2º elemento de composição conserva-se independente.

nh

139. Escreve-se em *banha, canhoto, ninho, pinho*, etc..

O emprego do *nh*, diz o philologo Pacheco Junior, foi uma consequencia logica da adopção do *th*.

Mas qual a verdadeira origem deste som, que se derivou de *nn* originarios, de um *n* simples, de um *n* seguido de *e* ou *i* palatal dos grupos *gn* e *ng*?

Julgamos, e com boa razão, que os Romanos pronunciavam o *gn*, *ng* com o som da nossa molhada, como succede aos Franceses e Italianos (*campagne, bisogna*), e não diziam como nós — dando o som forte ao *g*: — *signo* = *sinho*) *magno* (= manho), *regno*, (= *renho*). Isto modo de escrever ¹, o facto de ser esta nossa

¹ *Cō-gnoscere* (conhecer = cognoscer, sec. XIII), *agnus* (anho), etc. E os antigos diziam conhoto por cognato, etc.

molhada representada tambem por um *gn* nos nossos antigos monumentos (*pegnorar, pignor, cognocer, cognoçudo, segnor*, etc.) ¹, e o de serem as palavras em que os elementos *g* — *n* soam separados, todos de criação artificial, de origem erudita (*ig—neo, inexpug—navel, estag—nado*) bastariam para verificar a nossa hypothese, mas cumpre observar que o grupo *gn* « com o nosso som *nh* » era commum ao celtico e ao ibero.» ²

Em *anhelar, anhelito*, como acertadamente pondera o Snr. Julio Ribeiro, e nos compostos de derivados latinos com o prefixo *in*, como *inhabil, inherente*, o *h* não fórma com o *n* letra composta; é simples signal etymologico: taes palavras lêm-se *anelar, anélito, inabil, inerente*, etc..

ps

140. Escreve-se como inicial nos vocabulos *psalmo, psalmodia*, etc., como medial

¹ (Doc. do sec. XIII e XIV.) — Camões rima *estranho* com *magno*, o que prova lia *manho*.

² Port. *nh*; fr. it. *gn*; hesp. *ñ*, ibero e celtico *gn*; lat. *gn*. (nasal), it. *ni*.

em *capsula, lapso, etc.*, modos de graphar dos latinos.

pt

- 141.** E' usado nos vocabulos de derivação latina terminados em *ptare, ptus* [*adoptar* (de *adoptare*), *apto* (de *aptus*), *corrupto* (de *corruptus*), *prompto* (de *promptus*), etc.].

LETTRAS MAIUSCULAS

- 142.** As letras maiusculas são usadas sómente nos casos seguintes :

a) no começo dos periodos :

« **A** lingua portugueza é uma das mais formosas e fidalgas que na terra se conhecem, reunindo todas as condições de abundancia, facilidade, laconismo, harmonia, brevidade, euphonia, graça, mimo, gravidade, energia, elegancia. **Tem** todos

os dotes emfim que a tornam primorosamente apta para brilhar em todos os estylos. »¹

b) como inicial de uma citação — quer seja um simples dito, quer um trecho excerptado, precedendo dous pontos :

« S. Paulo diz: — **Q**uem ama ao proximo cumpre toda a lei. »²

c) depois de interrogação e admiração, se o sentido ficar completo :

« Quando empreguei meu dinheiro em tão má hora, não pedi favores a ninguem. E agora exigem que eu perca pelo menos metade do meu capital empregado! **E** então? **N**ão é má! »³

d) tambem depois da reticencia, quando de industria mudamos o fio do discurso :

« Ainda muito havia que dizer, mas... **V**amos adiante que nos foge o tempo. »

e) como inicial dos nomes proprios ou dos communs, quando personalizamos :

Deus, **P**edro, **R**io de Janeiro, **A**ma-

¹ Conselheiro Castilho.

² D. Frei B. dos Martyres.

³ Rozendo Moniz — Rom. *Facos e Travos*.

zonas, **A**bril, o **E**vangelho, a **H**istoria, a **J**ustiça, etc..

f) nos nomes de tratamento e titulos :

Vossa **M**agêstade, **S**ua **A**lteza, **V**ossa **R**euerendissima, **V**ossa **E**xcellencia, o **V**isconde de... , o **B**arão de... , etc..

g) como iniciaes dos titulos das obras e dos jornaes :

Os **L**usiadas, o **J**ornal do **C**ommercio, a **G**azeta de **N**oticias, o **B**rasil, o **P**aiz, a **G**azeta da **T**arde, a **F**olha **N**ova, etc..

h) nos nomes indicadores das varias repartições publicas :

O **T**hesouro **N**acional, a **S**ecretaria da **F**azenda, a **A**lfandega da **C**ôrte, etc., e das suas dependencias :

A **D**irectoria **G**eral da **T**omada de **C**ontas, a **P**rimera **C**ontadoria de **C**ontabilidade, a **P**agadoria, etc..

i) como inicial das palavras que se referem a tudo que devemos respeitar :

Omnipotente, **P**ae — referindo-se a Deus, — etc..

143. Hodiernamente os poetas empregam letra maiuscula no principio do verso, quando o antecedente termina por ponto,

dous pontos, ponto de interrogação ou admiração :

« Um dia um bravo brigadeiro,
preso nas unhas dos ladrões,
manda á mulher, do captiveiro,
estas crueis lamentações :

Filado estou, prenda adorada,
e numa grave intallação;
dez mil florins quer a cambada
p'lo meu resgate — quando não
na terça cortam-me uma orelha,
quarta outra vae, quinta o nariz!
Vê se me salvas, etc., etc.. » ¹

DIVISÃO DOS VOCABULOS

144. A acertada divisão das syllabas não oferece difficuldade para os que por base só têm a pronunciação ; entretanto, aconselhamos e seguimos sempre que nos é possível a divisão etymologica, pelos elementos componentes da palavra, por nos parecer de melhor regra. Assim dividimos : *ab-er-ra-ção*, *ab-bor-re-cer*, *ab-er-rar*, *ab-la-ti-vo*, *ab-o-mi-na-vel*,

¹ E. Garrido.

ab-ro-gar, ab-sol-ver, ab-u-so, abs-tra-ção, abs-tru-so, ad-a-ptar, ad-e-qua-do, ad-he-rir, ad-o-ptar, ad-strin-gen-te, an-o-ny-mo, an-e-mi-a, etc.; cir-cum-scre-ver, cir-cum-stan-cia, cir-cum-spec-to, cir-cum-scri-pto con-sci-en-cia, con-scri-pto, con-spi-rar, con-star, con-sti-par; con-stru-ção, con-stru-ctor, de-scen-der, de-scre-ver, des-a-ba-far, des-a-bo-no, des-a-bu-sar, des-ag-gra-var, des-ap-pa-re-cer, des-au-cto-rar, des-e-gual, des-en-tu-lhar, des-o-be-de-cer, des-u-so, ex-a-ção, ex-a-mi-nar, ex-em-plo, ex-hi-bir, ex-o-ne-rar, ex-u-be-rar, ha-po-stá-ti-co, im-men-so, im-mo-tar, im-mo-vel, in-hau-di-to, in-ef-fa-vel, in-er-me in-ex-a-cto, in-ha-bil, in-hi-bir, in-of-fen-si-vo, in-scio, in-scri-pto, in-spec-ção, in-spi-rar, in-stan-cia, in-u-til, ne-scio, ob-e-de-cer, ob-sce-no, ob-star, ob-stru-ção, per-em-pto-rio, per-en-ne, per-o-ra-ção, per-spec-ti-va, per-spi-cuo, pre-scin-dir, pre-scre-ver, pro-sce-nio, pro-spe-rar, pro-ster-nar, re-scin-dir, re-splen-dor, re-stau-

rar, sub-le-var, sub-lo-car, sub-scre-ver; sub-stan-ti-vo, sub-ur-bio, su-per-sti-ção, sy-ste-ma, syn-o-pse, tran-scen-der, tran-scre-ver, tran-scri-pto, tras-a-ção, trans-i-ção, trans-i-gir, trans-i-tar, trans-i-do, etc..

Esta regra exige certo conhecimento do modo de escrever latino, dos prefixos, etc., ou de muito uso por parte do estudante. E, para fallar verdade, os etymologistas nem sempre a seguem, como acontecê com a palavra *espectador*, por exemplo, que não dividem *e-spec-ta-dor*, mas sim — *es-pe-cta-dor*.

Ha muitas questões ainda neste campo. O Conselheiro Castilho, com ser tão affer-rado à orthographia etymologica, e por ella ter luctado no tocante à divisão das syllabas, é de opinião que nos devemos guiar mais pela pronuncia; e assim tambem pensa o philologo Pacheco Junior, cujas razões ficaram expendidas no seu trabalho sobre systemas orthogra- phicos.

143. Daremos agora as principaes regras :

a) Concorrendo alterantes geminadas, escre-

ve-se uma no fim da linha e outra no principio (*as-sim*, *bel-lo*).

b) Havendo entre duas syllabas alterante diversa da que começa a segunda, e que se não liga ou gemina com a final da syllaba antecedente, ella faz parte da syllaba seguinte (*a-cto*, *do-gma*, etc.). Exceptua-se quando a primeira alterante fôr *l* ou *r*, porque neste caso por estas se fará a divisão (*cal-do*, *cal-ma*, *car-ne*, *gar-bo*, etc.), mesmo porque não formam grupos.

146. Muitos grammaticos são de parecer que nunca se passe para a linha seguinte uma só vogal, ainda que forme syllaba.

Não ha razão para isso, e nem o processo é condemnavel: a orthographia não ensina a *escrever bonito*, mas sim correctamente.

Se se pôde escrever em uma linha a syllaba inicial de *amar*, *egreja*, etc., composta de uma unica letra, e o restante na linha seguinte, porque essa prohibição?

147. São duas as opiniões sobre o modo de escrever as fôrmas do infinito seguido do pronome *o*, *a*, que obrigam a dous

modos diversos da divisão das syllabas (*amal-o*, *ama-lo*).

Somos da primeira opinião, porque acreditamos que o *l* não representa a inicial do antigo pronome, mas sim uma modificação phonetica por motivo euphonico, que tambem fez cahir o *s* desinencial da 1^a pessoa do plural, como, por ex., em *louvamo-nos*.

Em « elle nol-o disse » (phrase correctissima) o *l* não está pelo *s*, isto é, pela letra final do pronome, tambem para maior harmonia?

Em *trouxeram-no amaram-no*, etc., o *n* é de intercalação euphonica, mera expletiva.

DA PONTUAÇÃO

148. Os grammaticos, em sua maioria, consideram a pontuação como parte integrante da orthographia.

Creemos que elles estão em erro: a orthographia ensina a escrever correctamente as palavras; e, para indicar a significação

destas, servimo-nos da accentuação (*séde, sêde, pègo, pego, etc.*), que pertence propriamente à lexeologia e prosodia; a pontuação, que nos ensina a distinguir os periodos e as suas partes componentes, e as pausas necessarias à leitura —, faz parte da syntaxe.

Não obstante, damos aqui as suas principaes regras, para não nos affastarmos de todo do consagrado pelô uso.

- 149.** São signaes da pontuação ou orthographicos, como alguns os chamam: a virgula ou comma (,), o ponto e virgula ou semicolon (;), os dous pontos ou colon (:), o ponto final (.), o ponto de admirâção (!), o ponto de interrogação (?), os pontos de reticencia (...), a parenthesis [()], as aspas (« »), o hyphen (-), o travessão (—), o parographo.

Virgula

- 150.** Usa-se da virgula:

a) depois de todos os sujeitos do mesmo verbo:

« *O raciocinio, a palavra articulada, a*

crença em um Deus, são qualidades que distinguem o homem do bruto ».

b) depois de todos os verbos de um mesmo sujeito:

« *O mar brame, ferve, retrôa, espadana-se em lençoes de escuma.* » (A. Herc.).

c) depois de todos os attributos de um mesmo sujeito, e de todos os adjectivos qualificativos:

« *A lingua portugueza é bella, sonora, copiosa, doce, grave.* » (Sané).

« *Tudo isto que vemos com os nossos olhos é aquelle espirito sublime, grande, ardente, immenso* ». (P^e. A. Vieira).

d) após aos complementos do mesmo verbo:

« *Depois vem outra epocha da vida em que a felicidade é mentida, mas ainda é felicidade, posto que já é eivada de vaga inquietação, de ambições desregradas, de especulações mesquinhas e outras contradictorias.* » (A. Herc.).

e) após às proposições incidentes e complementivas:

« *O estudo raciocinado, historico e comparativo, recommendado aos que estu-*

Ponto e virgula

151. E' usado para separar no mesmo periodo, proposições absolutas, principalmente quando já ha proposições divididas por virgulas :

« Nestas noites serenas e claras, subamos ao mais alto da tolda ; e, emquanto a natureza se acha em profundo silencio, alarguemos a vista por essa dilatada esphera dos ceos ; contemplemos de vagar a grandeza immensa desses luminosos pregoeiros da gloria do Altissimo, a harmonia dos seus movimentos, essas distancias quasi infinitas, consideradas cá da terra, e, ao mesmo passo, reduzidas a um pequeno ponto, quando se comparam com a grandeza de Deus. »

(MEDITAÇÕES DE D. FR: C. B.).

Dous pontos

152. Empregado :

a) antes de uma citação :

« Deus disse ao homem: faze por ti, que te ajudarei. »

b) antes de uma enumeração :

« Os systemas orthographicos são tres : o phonetico, o etymologico e o mixto. »

c) antes de uma proposição absoluta que termina o periodo, esclarecendo e desenvolvendo as idéas contidas na proposição ou nas proposições precedentes :

« Chegará a hora de nascer para a poesia e para a certeza : será a da morte. »

(A. HERC.).

Ponto final

153. Emprega-se :

a) sempre que o sentido estiver completo, e quizermos fechar o periodo :

« Portugal conheceu grammaticas portuguezas ainda antes que outras nações civilizadas tivessem uma na sua lingua. Quando Ramos em 1572 publicou a primeira grammatica da lingua franceza, já Portugal tinha a de F. de Oliveira, dada á luz em 1536, e a de J. de Barros em 1539. »

b) para abreviar um vocabulo, tendo neste caso o nome de ponto de abreviatura :
« *Snr. Dr., etc..* » (vide n. 162).

Ponto de admiração

134. Emprega-se no final das phrases exclamativas, isto é, que exprimem emoção, compaixão, ternura, etc. :
« *Meu Deus* » ! *Coitado!* etc. ».

Ponto de interrogação

135. E' empregado no final das phrases interrogativas :
« *Quem está contente com a sua sorte ?* »

Pontos de reticencia

136. Escrevem-se quando queremos indicar suspensão subita de pensamento :
« *Retira-te, se és meu amigo, porque... Está bem, fica.* »

Parenthesis

137. Usa-se para encerrar palavras ou phrases que encravadas no periodo têm sentido perfeito e independente :

« *Cantando-te por modos eminentes
(Quando glorias adornas Mantuanas)
Tanto excusando estás musas humanas.* »

(O. MENDES).

Quando é curto o periodo, em vez deste signal usam alguns escrevel-o entre virgulas, ou, mais modernamente, entre travessão.

Tambem é usado a parenthesis para fazer distincção daquillo que se põe por exemplo.

Aspas

138. Escrevem-se as aspas no principio e no fim de uma citação :

« No sec. XIV escreveu o celebre Boccacio, a proposito do oceano Atlantico : » « *Alem do oceano, etc..* »

E' inutil, como fazem alguns, usar de aspas no principio de cada linha de citação.

Hyphen

- 159.** Emprega-se quando queremos dividir um vocabulo no fim de uma linha, por não caber inteiro, e bem assim para unir os pronomes *o, a, os, as, lhe, te, etc.*, aos verbos que os precederem:— « *Ama-o, manda-lhes, peço-te, etc.* »

Travessão

- 160.** Escreve-se quando, querendo indicar pausa maior que a da virgula, chamamos a attenção do leitor para as palavras que se seguem:

« *Foi a recomposição dos elementos communs aos idiomas derivados da lingua fundamental indo-européa que nos fez conhecer a patria, os usos e os costumes, a fôrma politica, as crenças e a civilisação dos nossos avós— os Aryanos ou Aryanos.* »

(Pacheco Junior).

O travessão tambem é usado nos dialogos, afim de se evitar repetição do nome dos interlocutores :

« — *Mas ainda não chegámos ?*

— *Estamos quasi.*

— *Volte por este campo ; quero tornar a vel-o.*

— *Sim, sen' or, etc.* (Vide n. 157).

Paragrapho

- 161.** « O paragrapho, que é formado por um espaço em branco deixado no principio da linha, diz o illustre philologo Julio Ribeiro, deve ser considerado como um signal de pontuação. Indica elle uma separação mais accentuada do que a do ponto, e emprega-se para distinguir os diferentes grupos de idéas de que se compõe um escripto, ou para marcar a transição de um assumpto para outro. O paragrapho acaba geralmente por um ponto final ; todavia, pôde tambem terminar-se por ponto e virgula e dous pontos, como acontece nos *considerandos* e nas enumerações.

Para certos casos da composição typographica, ha notações peculiares, taes como o *asteristico* (*), o *obelisco* ou *adaga* (†),

a *dupla adaga* (‡), a *secção* (§), as *parallelas* (//), o *parrafo* (¶), os *colchetes* (□), a *chave* (|), o *caret* (⌞), a *mãozinha* (☞), etc.. »

Abreviaturas

162. Na imprensa não mais se usa de muitas abreviaturas, e na epistolographia são ellas consideradas quebra de cortezania. Todavia, ha abreviaturas que são correntes, quer em lettra de fôrma, quer nas correspondencias.

Daremos aqui as principaes que são usadas:

- Affect.^o Affectuoso.
- Am.^o Amigo.
- Att.^o Attento.
- B^{el} Bacharel.
- Cr.^o Criado.
- D..... Dom, Dona.

- Dig.^{mo} Dignissimo.
- Dr Doutor.
- Ex Exemplo.
- Ex.^a Excellencia.
- Ex.^{mo} Excellentissimo.
- E. R. M Espera receber mercê.
- F..... Frei.
- Ill.^{mo} Illustrissimo.
- M. D Mui digno.
- N. B..... Nota bene.
- Obr.^o Obrigado.
- Obr.^{mo} Obrigadissimo.
- P.^e Padre.
- P. E. F..... Por especial favor.
- P. S..... Post-escriptum.
- Rev.^{do} Reverendo.
- Rev.^{mo} Reverendissimo.
- S. A Sua Alteza.
- SS. AA..... Suas Altezas.
- S. C..... Sua casa.
- S. Ex.^a Sua Excellencia.
- Senr., Snr. ou Sr. Senhor.
- S. M. I..... Sua Magestade Imperial.
- SS. MM. II..... Suas Magestades Imperiaes.

S. P	Serviço publico.
S. S. ^a	Sua Senhoria.
SS. SS	Suas Senhorias.
V	Você.
V. A.....	Vossa Alteza.
V. Ex. ^a	Vossa Excellencia.
VV. EEx.....	Vossas Excellencias.
Ven. ^o	Venerador.
V. g.....	Verbi gratia.
Vm. ^{oe}	Vossa Mercê.
V. M. I.....	Vossa Magestade Imperial.
V. P.....	Vossa Paternidade.
V. Rev. ^{ma}	Vossa Reverendissima.
V. S. ^a	Vossa Senhoria.
VV. SS.....	Vossas Senhorias.

FIM